

Comunicação

Entre a ficção e as referências históricas. A constituição de um campo polêmico do filme...

*Entre a ficção e as referências históricas. A constituição de um campo polêmico do filme **O código Da Vinci***

Frederico José Magalhães Simão*

RESUMO

Este artigo trata do processo de circulação polêmica e crítica em torno do filme **O código Da Vinci**. Desenvolve-se a partir das percepções sobre a mídia, compreendendo a formação de um espaço polêmico a partir de um Sistema de Resposta. O principal eixo do artigo está na disputa de um capital simbólico religioso entre campos sociais, disputa que ocorre dentro de canais midiáticos.

Palavras-chave: Polêmica. Crítica jornalística. Sistema de resposta social. **O código Da Vinci**.

RÉSUMÉ

Ce article décrit le processus de circulation critique et polémique autour du film le Da Vinci code. Il se développe sur l'analyse de la média, comprenant la formation d'un espace polémique conjointement avec le Système de Réponse Sociale. Il est développé par l'analyse sur les médias, y compris la formation d'un espace à partir d'un système d'intervention controversée. L'axe central de l'article est en lice pour un capital symbolique des religieux domaines social, différend qui se produit dans les canaux des médias.

Mots-cles: Polémique. Critique journalistique. Système de réponse sociale. **Da Vinci code**.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, há uma centralidade da mídia nos processos socioculturais e com o que ela passa a fazer parte da experiência (SILVERSTONE, 2002 p.14), tornando-a constituidora do social. O espaço midiático apresenta

* Mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (RS) Professor no Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF - MG) para os cursos de Jornalismo, Publicidade e Tecnologia em Design de Moda. Pesquisa nas áreas de Comunicação, Design Gráfico e Crítica Midiática em Processos Polêmicos.

características em que há grande diversidade em disputas de falas, construções estratégicas e posicionamentos. Um dos espaços é a *Crítica Midiática*, que traça jogos de força da percepção da mídia para a própria mídia.

O filme **O Código Da Vinci** foi apresentado ao público no ano de 2006 a partir de uma adaptação do livro de Dan Brown, portanto, tema já de domínio público. Esse filme estimula debates diversificados de natureza polemizadora. Gera polêmica porque trata de temas complexos, presentes nos diversos âmbitos sociais e por apresentar atitudes ou posições marcadas por campos sociais diversos.

A discussão central da história está numa afirmação de que o santo *Graal*¹ não teria sido uma taça, mas, sim, uma pessoa. Embora, oficialmente, o livro-filme seja apresentado como ficção, o romance desencadeia uma onda polêmica, principalmente pelo forte apelo a descrições de obras de arte, arquitetura e possíveis rituais secretos.

A partir da polêmica inicial, muitos materiais circulam, como livros, documentários, revistas, discussões em programas de televisão, *sites* e manifestações (materiais que surgem como reações a partir do filme e que se dão no espaço midiático). Destacam-se posicionamentos de crentes e céticos quanto ao embasamento do que realmente seria fato e ficção.

O filme expressa interpretações e atitudes com relação a temas que tem um interesse social geral. Por isso passa a constituir um cenário de debate midiático, interagindo com diversos campos da sociedade.

Muitas obras cinematográficas retratam tradição, religião, história, arqueologia e, por serem ficcionais, tendem a explicar ou omitir, de acordo com os interesses de seus diretores e roteiristas, determinados fatos ou posições que podem ou não satisfazer a opinião dos grupos da sociedade. **O código Da Vinci** origina-se nesse sentido, é discutido a partir das lógicas de entretenimento, mas também recebe um debate diferente do que é costume de uma circulação cinematográfica.

Essas produções possuem uma relevante significação por sua produção de perspectiva (MACHADO, 2002 p.13), por mensagens e efeitos motivados pela ordem da polêmica, fator gerador de discussões para a crítica jornalística de cinema e demais reações. Isso leva a questionar como se forma uma polêmica a partir de filmes. Parece que é o fato das falas fomentarem discussões que fazem-na entrar no giro jornalístico e, também, parece comportar de maneiras diversas em modelos de interatividade. Na realidade, qualquer material proposto midiaticamente pode e tem o potencial de gerar

¹ *Graal* é uma expressão medieval para expressar o cálice de Cristo utilizado na Última Ceia.

Entre a ficção e as referências históricas. A constituição de um campo polêmico do filme...

discussões, polemizando e, assim, chegando à crítica. Mas, no caso desse filme, o nível de polêmica parece ser intenso; propõe falas de inúmeros lados e gera discussões nos principais setores jornalísticos do mundo.

O acervo (corpus) que fomentou a construção de uma reflexão mais profunda sobre a polêmica no caso **O código Da Vinci** está resumidamente no seguinte quadro, contemplando o período de maio a julho de 2006:

FIGURA 1: Mídias

Jornais: <i>Zero Hora</i> <i>Folha de São Paulo</i> <i>Correio do Povo</i>
Revistas: <i>Revista Istoé (matéria de capa)</i> <i>Revista História Viva</i> <i>Revista SET (matéria de capa)</i> <i>Revista Veja (matéria de capa)</i>
Internet: <i>Blogs</i> <i>Sites</i>
Rádio: <i>Rádio Vaticana</i>
TV: <i>Documentário da TV National Geographic</i>

Parece, também, que a tentativa de quebra de consensos é o fator mais proeminente da construção do campo da polêmica. Quando o cinema adentra nas cercanias do campo religioso, questionando (ou revigorando) doutrinas, dogmas e crenças, lança um convite para que se faça uma discussão sobre a pertinência deles ou a validade da crítica. A partir disso, percebe-se a comunicação como um processo e, assim, observando de forma relacional os processos de produção e recepção, dá-se a interação em torno dos produtos midiáticos, originando novos campos de debate, como o caso do campo da polêmica, formado a partir da circulação social do **O Código Da Vinci**.

A fusão entre ficção e realidade provoca disputas de sentido entre os campos sociais, ao colocar-se em questão temática que sobrevive de modo relativamente consensual. Isso não é exclusivo do espaço das produções cinematográficas, como também não é novo. O campo da literatura já empregava práticas que jogavam com o realismo e ficção.

2 A POLÊMICA NA CRÍTICA JORNALÍSTICA DE *O CÓDIGO DA VINCI*

As falas (circulações de diversos modos midiáticos) constroem o cenário de disputa. O que está sendo disputado é a validação de um capital simbólico do campo religioso e que é defendido de diversas formas.

A movimentação em torno do filme **O Código Da Vinci** é exemplar para a avaliação de que muitos produtos midiáticos tornam-se dispositivos de produção de sentidos e provocam, em seus receptores, várias experiências que estimulam reações e interações.

Aquilo que é tomado como real depende fundamentalmente dos grupos e das relações que os grupos sociais fazem. A sociedade está estruturada em grupos sociais, esses grupos *pensam* a sociedade e é a partir deles que interagem e reagem.

Para os grupos sociais estarem em contato uns com os outros, não necessariamente necessitam de uma instituição formal de comunicação, mas o que é determinante na construção de uma realidade hoje passa diretamente por setores altamente sofisticados de aparatos e dispositivos de linguagem: a comunicação midiática. É pela mídia que se produz boa parte do que participa do conhecimento cotidiano, ou seja, o conhecimento que os indivíduos em sociedade têm sobre o próprio indivíduo e a sociedade².

Parece, então, compreensível que a mídia se torne o lugar onde se interpellam atores de vários campos sociais para discutir uma temática originária especificamente do campo religioso, mas que ganha visibilidade pública por meio de um filme amplamente divulgado no complexo sistema midiático.

Obviamente, o campo religioso é o setor de maior foco na discussão existente a partir do filme **O código Da Vinci**. O campo religioso corresponde a um setor social altamente institucionalizado. É um espaço social que produz o seu próprio tipo de relação, com agentes atuando de acordo com regras internas e específicas.

“A instituição religiosa, se por um lado está afastada das principais ações cotidianas, por outro, detém um quase monopólio daquilo que não importa em nenhum sistema: os elementos subjetivos”. (MARTINO, 2005, p. 35). Assim, a religião passa a ser uma referência ao mundo social com as especificidades no subjetivo; seus espaços de relação social estão também no cotidiano, muito mais do que os espaços físicos da instituição igreja.

² Berger e Luckmann tratam da realidade objetiva, externa aos indivíduos, e da realidade subjetiva, levando em consideração diferentes processos de institucionalização, a internalização, a legitimação e o universo simbólico, a assimilação e a transmissão do conhecimento. A realidade cotidiana existe; entre as tantas outras realidades há aquela que “se apresenta como sendo a realidade por excelência. É a realidade da vida cotidiana. Sua posição privilegiada autoriza a dar-lhe a designação de realidade predominante”. (BERGER; LUCKMANN, 2005, p. 38). Essa realidade está organizada de modo que, ao entrarmos, ela estava presente e ordenada.

Entre a ficção e as referências históricas. A constituição de um campo polêmico do filme...

A temática do filme, que adapta e apropria bens simbólicos específicos do campo religioso, abre o direito de fala e de reivindicar essa adaptação. A *autoridade* dos assuntos religiosos corresponde ao seu próprio campo, que tem um compromisso com suas lógicas e sua relação com os demais campos sociais. Portanto, esse conteúdo pertence e circula por instituições do campo religioso que autorizam, desautorizam e regulam o uso delas. Assim, interpelações diversas iniciam o giro de respostas sociais, num processo em que elementos do campo religioso estão no foco.

Num processo polêmico, é interessante o grande desentendimento de falas sobre uma temática – que não é discutida nos mesmos níveis. O campo polêmico só é possível como resultante desse procedimento: alguns constroem falas numa comunicação mais *diplomática*, que constrói argumentos de maneira não-autoritária, possivelmente gerando aprendizado; outros geram tensão por construir falas a partir de pontos de vista específicos.

Afirma a psicanalista Diana Corso, no jornal **Zero Hora**

Minha hipótese é que no feminismo exacerbado está a chave para decifrar os efeitos do Código. Do início ao fim, estamos frente a um discurso pró-mulheres, melosamente entusiasta e caricatural, destinado a expiar uma culpa histórica. [...] O livro de Brown tenta redimir a culpa histórica por séculos de discriminação (ZERO HORA, 13 maio 2006).

O ângulo tratado pela psicanalista é do aspecto social, num debate em que ela faz conexões sobre o feminismo e o tratamento histórico dado sobre esse ângulo. Embora o tema seja obviamente ligado à religiosidade, a relatora dá precedência à questão feminista como chave de compreensão.

Já os atores do campo religioso utilizam a temática numa construção explicativa, em posições que demarcam as falas tradicionais do Cristianismo. Há o comprometimento do campo religioso em se pronunciar socialmente sobre o conteúdo que está em crise e que pertence ao mesmo campo. É por isso que diversos atores do campo religioso são consultados por aqueles que condicionam a mídia, os jornalistas.

Já para dom Antonio Dias Duarte, bispo auxiliar do Rio de Janeiro, a revisão das ações de Maria Madalena não é prioridade. 'A igreja de cada época tem suas questões. Na atualidade, a questão não é Madalena, mas assuntos mais relevantes, como a justiça social e a defesa da vida humana (FOLHA DE SÃO PAULO, 25 maio de 2006).

A escritora Lynn Picknett, num documentário, constrói opiniões sobre o campo religioso, ao mesmo tempo afirmando a teoria do livro-filme.

Está muito claro que Maria Madalena não foi simplesmente a 'moça do café' dos tempos bíblicos, aquela figura humilde que está sempre ofuscada pelos homens. Mas essa, obviamente, é a imagem – essa coisa pior, que a Igreja quer que tenhamos dela. Ela foi, pelo que se sabe, uma mulher de muita personalidade, independente financeiramente. [...] A Igreja quis mesmo denegrir o nome dela porque sabia. Eles sabiam que mulher era essa, e estavam determinados a não deixar que nenhuma outra galgasse a hierarquia eclesiástica para se tornar tão importante e tão carismática quanto Madalena fora no tempo de Jesus (LYNN PICKNETT, escritora e co-autora de *O Segredo dos Templários – Transcrição da entrevista em "O Código Da Vinci Revelado"*, National Geographic, 2006).

Padre William Stetson, rebatendo a teoria sobre Maria Madalena e seu possível envolvimento com Jesus, afirma:

Não há qualquer afirmação assim. Talvez seja uma especulação que possa ser considerada num mundo tomado pelo ceticismo, mas que se opõe a toda tradição da Igreja Cristã. [...] O Cristianismo é uma religião com bases históricas. E o fato histórico é que, seguindo o plano de Deus, Jesus não se casou. E não cabe a nós, mortais, questionar o plano de Deus" (STETSON William Pe. – Transcrição da entrevista em "O Código Da Vinci Revelado", National Geographic, 2006).

Essas falas pontuadas revelam atores sociais que participam de diversos campos, disputando argumentos, apresentando *soluções* de argumentação. Passa a existir maior desentendimento na medida em que as construções de falas se originam de lugares diferentes.

Elas ocorrem a partir da sociedade: da psicanalista que discute um cenário social, do padre que foca seus argumentos defendendo o campo religioso, dos pesquisadores que alimentam o tensionamento, afirmando uma teoria que não é oficial para o campo religioso.

Essa é a dinamicidade processual desse conjunto polêmico. Ele se origina de uma fala (livro-filme) e faz suceder diversas outras que ocorrem em movimentos diferentes. Independentes de posturas, estão disputando e tecendo um novo espaço.

Assim, a partir da *tese central* do livro-filme, o giro polêmico parece preencher os seguintes parâmetros:

- 1) Do agendamento social – em que a pauta não é exclusiva do campo midiático, mas compartilha da percepção social e de falas;
- 2) Da sucessão de falas – que entram em sucessão, uma fala convoca a outra, ao mesmo tempo em que compõem um espaço que exige argumentos (pelo desentendimento);

3) Dos pontos de vista – que não são co-planares, na medida em que cada campo e cada ator acabam construindo um lugar de fala diferenciado (mesmo, como visto, quando diferentes atores participam de um mesmo campo social). Parece, então, que a recepção e leitura que foram feitas para a formação das falas residem nas perspectivas e nos pontos de vista desde o filme visto, seja com olhar histórico, religioso ou acadêmico.

A crítica jornalística está na categoria daqueles que coletam, analisam, verificam, confrontam e apresentam opiniões a respeito de eventos atuais, das tendências, de edições, de produtos culturais que provocam impactos sociais por suas discussões e circulações. Dizer sobre polêmica e crítica jornalística num contexto de comunicação de massa é falar sobre elementos muito próximos, porque um se alimenta do outro, e as práticas midiáticas se mantêm na conquista da maior circulação. Embora seja um gênero voltado para a interpretação, com o movimento de operar na via de fornecer prazer às audiências, está também na indústria de entretenimento.

O código Da Vinci: é discutido a partir das lógicas de entretenimento, mas também recebe um debate diferente do que é costume de uma circulação cinematográfica.

Embora a crítica jornalística cinematográfica não tenha como fim uma preocupação com o debate social, nesse filme parece ser possível encontrar elementos que movimentaram debates e circulações. O filme não só ocupa os espaços de crítica cinematográfica como processa no espaço jornalístico temáticas específicas, fazendo agendamentos.

Evidentemente, a polêmica ocorre num espaço de opinião, por estar fora das certezas e, assim, é *furo* de notícia para o campo jornalístico. Basicamente, uma polêmica parece existir a partir de, no mínimo, dois pontos de vista sobre o mesmo assunto. A polêmica acontece por haver crise. Não se resume em ponto de vista único; e, nesse caso, cada campo também pode ter variantes em sua opinião, e assim se observa a dinamicidade de um processo interacional³.

Essa dinâmica polêmica insere diretamente um problema de crise

³ Processo Interacional deriva de José Luiz Braga que apresenta o sistema de resposta social a partir da relação e interação da sociedade sobre a mídia e seus processos e produtos: "é um sistema de circulação diferida e difusa. Os sentidos midiaticamente produzidos chegam à sociedade e passam a circular nesta, entre pessoas, grupos e instituições, impregnando e parcialmente direcionando a cultura. Se não circulassem, não estariam 'na cultura'" (BRAGA, 2006, p. 27). É uma proposta teórica na comunicação, uma teoria em que o problema comunicacional corresponde à idéia de teoria desenvolvida no próprio campo e não necessariamente "teorias gerais" de comunicação. A hipótese do estudo de Braga tem a perspectiva dos processos midiáticos gerados pela dualidade Sociedade e Mídia. Destaca um terceiro sistema, tão "complexo e multifacetado" como os outros processos da produção e da recepção. É também uma segunda ordem do processo diante do que a sociedade faz com a mídia. É um trabalho dinâmico de respostas.

argumentativa nas instituições, correspondentes às organizações que operam com mecanismos sociais e controlam o funcionamento da sociedade e indivíduos. No caso de **O código Da Vinci**, inicialmente, estão ligadas as instituições religiosas, acadêmicas e históricas.

Os assuntos polêmicos mais frequentes em torno do filme são:

- Maria Madalena;
- *A Opus Dei*;
- Igreja Católica;
- O feminino ao longo da história;
- Leonardo Da Vinci;
- Sociedades Secretas;
- Adaptação do livro para o filme.

Esse campo polêmico está em *suspensão*, pois existe enquanto os campos sociais e os atores disputam espaços no capital simbólico do filme. Desenvolve-se a partir de falas que colocam em crise um capital simbólico pertencente ao campo religioso. A diversidade está num espaço (jornalístico) em que todos têm direito de fala, mas nem todos falam do mesmo lugar. Isso gera o tensionamento para o desencadeamento de novas falas.

Assim, as falas são chamadas a partir de fatos e temas que estão em proporções diversas. Não há um modo organizado de falas, mas há um modo de disputa de falas e falantes que se manifestam a partir de escolhas do campo jornalístico sobre o que deve ser tomado como notícia.

O campo jornalístico assume, dessa maneira, uma função, seja em apenas noticiar um fato, em organizar as falas ou em convocar falantes. Mas é no espaço jornalístico que se percebe o campo polêmico, do qual participam diversos campos, transformando a circulação em fato social.

Por isso, podem ser percebidos dois grandes conjuntos de circulação: um institucionalizado pelo jornalismo e pelos campos de fala, e um outro espaço, *não-institucionalizado*, mas que permite fazer leituras do processo polêmico que está ocorrendo em torno de uma temática que passa a ser de interesse de muitos campos sociais. Esses espaços *não-institucionalizados* são dispositivos de falas que acontecem independentes de canais midiáticos formais; independem assim de enquadramentos e comprometimentos de formatação e estruturas de falas, mas, ao mesmo tempo, expressam articulações do social com a mídia – como no caso de comentários em *blogs*.

O filme, por si só, não seria suficiente para sustentar argumentações críticas; ele precisa de lados que o alimentem. Por isso, várias argumentações surgem, dando giro a essa diversidade no material. Assim, os fatos que se

transformaram em notícias, como referências para debates, estão no interesse geral, mesmo aqueles fatos que circularam como apenas notícias.

Os consensos ou os desacordos são estabelecidos pelos universos de referência de cada ator ou grupo de fala. Isso permite observar os pontos de vista, as referências comuns a quem consome e a quem as produz. Se há construções como apelos aos pontos de vista e valores de referência, significa que não houve acordo ou consenso entre os universos.

O caso transforma-se num fato social porque foi assumido como tal, em que a discussão do filme ultrapassa aquilo que é tomado como crítica cinematográfica por reunir diversos campos com propostas de interpretação de discussão de diversos níveis e tomadas de posição, sejam políticas, religiosas, históricas. Assim, o contexto social entra no giro do debate e tudo aquilo que se manifestar, independentemente de posições, passa a ser foco de debate.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não cabe aqui fazer julgamentos de valores, mas o interesse é observar como os campos percebem os demais campos. E a característica desse campo polêmico poroso está nas diversas percepções dos diversos campos, sendo projetadas no espaço midiático.

Os diversos assuntos entram no giro de percepções distintas dos campos sociais; por isso, temos atores se manifestando de diversos lados. O agendamento ocorre na tentativa de criar consenso pelo menos em definições de grupos. O campo polêmico, jornalístico de **O código Da Vinci** acontece por falas de vários assuntos. Os diversos campos posicionam-se e, por um tempo indeterminado, podem debater.

A discussão em torno da ficcionalidade e das referencialidades históricas no livro-filme oferece percepções sobre relações entre a sociedade e a mídia. Embora seja uma obra de ficção, o livro-filme desperta o campo polêmico a partir de afirmações de que seus relatos, descrições de obras de arte, arquitetura e documentos corresponderiam à realidade.

A lógica do processo funciona a partir do campo midiático. A participação na construção de falas por vários campos sociais legitimaram o espaço da mídia, transformando-o num espaço de debate social. Mas não é o campo midiático por si só que ocorre num processo de discussão. Ele convoca e é convocado por outros campos e seus atores.

A mídia não está simplesmente circulando temas e fatos dos campos sociais diversos, derivados dessa produção cinematográfica. Ela também participa pela crítica, por convocações e gerenciamento do espaço de debate

e circulação que se constitui. Não é uma discussão apenas cinematográfica, o que talvez fosse mais natural, mas uma circulação demarcada por diversos setores sociais.

O processo de circulação não está simplesmente na teoria clássica de emissor e receptor; há um movimento muito maior e não-linear. Está na definição de um sistema de resposta social, que é formado socialmente no giro das interpretações em interação com os produtos midiáticos.

O campo acadêmico vem por construções no debate que tentam ser processadas em mostrar o máximo de *lados* e falas, ou ainda, na idéia de observar e tentar criar posições *válidas* num cenário onde não há um consenso. Assim há participação de professores do campo da arte, história, semiótica, teologia, como também há essa circulação sendo apresentada em espaços fisicamente acadêmicos.

A mídia cumpre um papel fundamental, quando o interesse de grupos comunicacionais é polemizar. Nesse caso, certamente uma polêmica era esperada, principalmente porque o filme transita por campos diversos e trata de assuntos peculiares da religião e de história no mundo ocidental. Por isso, há um movimento em que a sociedade se coloca em interação no debate social por meio da mídia e em que até aqueles representantes de setores que não têm o costume de se manifestar em opiniões midiaticizadas passam a participar.

O caso apresentado no filme transforma-se num fato social, cuja discussão ultrapassa aquilo que é tomado como crítica cinematográfica. Assim o contexto social entra no processo de argumentação, e tudo aquilo que se manifesta, independentemente de posições, passa a ser foco de debate.

A polêmica está na prática de provocar disputas em diversos campos. Dentro da comunicação, a polêmica é uma ferramenta do sistema de retorno; o ângulo em que está sendo inserida a abordagem não se confunde com os processos de produção e recepção e, sim, com uma dinâmica articulada entre eles.

As diversidades de canais, de ponto de vista e ampla circulação demonstram um objeto em tensionamento, uma forma que os grupos sociais organizaram para interagir sobre o que a mídia veiculou no caso do cinema. Independente de julgamentos de conteúdos, os resultados tornam-se positivos na medida em que se fazem circular dentro da sociedade ações comentadas, derivadas de um sistema de respostas.

O contexto instaurado atinge os níveis de discussões diversas, com procedimentos em entrevistas, falas e fatos em ramificações na mídia. Não são apenas os grandes conjuntos de canais midiáticos que são palco desses

Entre a ficção e as referências históricas. A constituição de um campo polêmico do filme...

argumentos, mas diversos segmentos que vão desde um *site* de paróquia a revistas de circulação nacional e internacional. Independentemente do raio da circulação, o fato instaura-se, exigindo e dando continuidade numa sucessão de falas e argumentos indeterminados. Quanto mais ações puderem ser capturadas, mais ainda serão debatidas. Cada nova fala constrói o campo polêmico.

Artigo recebido em: 18/02/2011
Aceito para publicação: 11/05/2011

REFERÊNCIAS

ARBEX JÚNIOR, José. **Showrnalismo a notícia como espetáculo**. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

BERGER, Peter, LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. **Perspectivas sociológicas**. Petrópolis: Vozes, 1978.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia**. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. Mais que interativo, agonístico. In: LEMOS, André; SILVA, Juremir Machado da; SÁ, Simone Pereira de; PRYSTON, Ângela (orgs.). **Mídia.br**. Porto Alegre, 2004, p.62-79.

_____. "Lugar de Fala" como conceito metodológico no estudo de produtos culturais. In: **Mídia e processos socioculturais**. São Leopoldo: PPG Comunicação/Unisinos, 2000, p. 159-184.

CORSO, Diana Lichtenstein. Decodificando a culpa masculina. **Zero Hora**: Porto Alegre: [s.n.], 2006.

BRETON, Philippe. **A argumentação na comunicação**. Bauru: Edusc, 2003.

_____. **A manipulação da palavra**. São Paulo: Loyola, 1999.

BRIGGS, Asa, BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

BROWN, Dan. **O Código da Vinci**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004

ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. **Interpretação e superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Entre a ficção e as referências históricas. A constituição de um campo polêmico do filme...

EISENSTEIN, Sergei. **A forma do filme**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004.

KELLNER, Douglas. **Cultura da mídia**. Bauru: Edusc, 2001.

MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas & pós-cinemas**. Campinas: Papyrus, 2002.

MATTELART, Armand e Michele. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Mídia e poder simbólico: um ensaio sobre comunicação e campo religioso**. São Paulo: Paulus, 2003.

MERTEN, Luiz. **Cinema: entre a realidade e o artifício**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2007.

O CÓDIGO DA VINCI REVELADO. Produção de **National Geographic Ventures Presidente & Ceo**. São Paulo: National Geographic Television & Film, 2006.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da comunicação**. Lisboa: Ed. Presença, 1990.

_____. **Dicionário breve da informação e da comunicação**. Lisboa: Ed. Presença: 2000.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

SYLVIA, Colombo. Código do barulho. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p. 12, 25 de mai. de 2006.

SODRÉ, Muniz. **Reiventando a cultura**. Petrópolis: Vozes, 1996.

